

## Espaço potencial: O lugar do grupo de imaginação e de suas narratividades<sup>1</sup>

Maria Teresa Silva Lopes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho se ancora nas atividades desenvolvidas pelo Projeto Travessia (PROPIS/SBPRJ), em comunidades vulneráveis no Rio de Janeiro. São utilizados fragmentos de narrativa do livro e do filme “Preciosa” para pensar as experiências de extremo desamparo – individual e social – a que tais sujeitos estão submetidos. Como fio condutor, trabalha-se a compreensão da natureza do conceito winnicottiano de “espaço potencial” para destacar a importância da resposta suficientemente boa do objeto para que o sujeito seja capaz de sair da condição de desamparo. Ademais, considera-se como os entraves à subjetivação se configuram quando a resposta do objeto é precária, seja no âmbito individual, seja no âmbito social – compreendendo-os como indissociavelmente relacionados.

**Palavras-chave:** espaço potencial; desamparo; subjetividade; narrativa.

O objetivo deste trabalho é a tentativa de discorrer sobre a prática desenvolvida no Projeto Travessia e o que percebemos através dessa prática. Vou me utilizar de fragmentos de narrativa do livro *Preciosa* (Sapphire, 1996/2010), bem como de extratos do filme *Precious* (Daniels, 2011), que foi desenvolvido a partir daquele, no intuito de ampliar a compreensão do trabalho do Projeto Travessia. As narrativas compartilhadas nos Grupos de Imaginação são muito próximas das contadas por *Preciosa* no livro/filme.

Tento, através dessas narrativas, encontrar as falhas psíquicas e os vazios existentes, provocados pelo *desamparo* experimentado por essas pessoas. Pretendo fazer esta ligação a partir da compreensão da natureza do conceito de *espaço potencial* pensado por Donald Winnicott e outros autores da contemporaneidade, dentre os quais recorro a Thomas Ogden, que pontua a patologia da ausência do espaço potencial.

Para além da questão da experiência pensada por Winnicott, também faço uso das *narratividades* pensadas por Walter Benjamin, que fala da experiência que pode ser narrada e transmitida através das histórias contadas pelos sujeitos.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise – “Sonho/Ato: A representação e seus limites”, realizado de 28 a 31 de outubro de 2015 em São Paulo, SP. Fragmentos do filme *Preciosa*.

<sup>2</sup> Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Pelas narrativas orais, contamos e recontamos nossas histórias e temos a chance de manter/criar a consciência de nós mesmos, bem como de nossa comunidade. O contar é dinâmico, e sua força se restitui cada vez que se retoma a contação. A visão integrativa da narrativa está presente em Benjamim (1994), quando este afirma que o narrador, nas histórias que conta, recorre ao acervo de experiências de vida, tanto as suas, como as experiências relatadas por outros. Ao narrar, ele as transforma em produto sólido e único, tornando-as experiências daqueles que estão ouvindo. Assim, ocorre a transmissão de conselhos e conhecimentos, o que afirma o papel constitutivo do discurso na vida social, em uma concepção de “literatura como prática social” (Bauman, 1986, p. 3).

Como a minha intenção é falar sobre o Projeto Travessia, preciso primeiro dizer do que se trata este projeto. O Projeto Travessia é um projeto social, ligado ao Programa de Psicanálise e Interfase Social (PROPIS) da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, voltado a atendimentos de grupos, nomeados de Grupos de Imagem, com crianças, adolescentes, pais ou responsáveis e educadores sociais de ONGs parceiras.

Os Grupos de Imagem têm frequência semanal e são fechados. Tentamos seguir por algum tempo com os mesmos participantes, geralmente um ano, podendo as crianças ou quaisquer dos citados acima, no próximo ano, retornarem, se assim for da sua vontade. Este projeto vem sendo desenvolvido em comunidades vulneradas. Nesta comunidade, estamos trabalhando há cinco anos.

Winnicott deixou como legado o conceito de “espaço potencial”, o qual, juntamente com seus conceitos antecessores – objeto e fenômeno transicional –, formam a tríade da subjetividade humana.

É sabido que, para este autor, a constituição do psiquismo se dá pela disponibilidade e acessibilidade de uma mãe ao seu bebê de forma total. No primeiro momento, é necessário fundir-se, ser um único ser, para que o bebê e até mesmo a mãe, possam se reconhecer como tal. “Não existe tal coisa como bebê”, dizia ele, se a mãe não estiver ali exercendo sua função de amparar, acolher, sustentar, interpelar e fundir-se. Quando o bebê recebe este cuidado inicial, supomos que ele esteja pronto para os entraves da vida, sem que tenha que entrar em estado de desintegração, ou seja, arranjar “jeitos” para vir a dar conta do que está para ele muito além do que pode suportar, tornando-se insuportável. “Jeitos” esses que vão resultar em um estado patológico do ser.

Para melhor entender vou a Winnicott e a Ogden diretamente, de modo a deixar mais claro seus posicionamentos em relação ao espaço potencial, e suas consequências quando não é possível estabelecer este espaço.

*Espaço potencial (...) é a área hipotética que existe (mas não pode existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte da mãe) durante a fase do repúdio do objeto como não-eu, isto é, ao final do estar fundido com o objeto.*

(Winnicott, 1971, p. 107)

*O brincar, a criatividade, os fenômenos transicionais, a psicoterapia e a experiência “cultural” têm um lugar aonde acontecem. Esse lugar, o espaço potencial, não está dentro em nenhum sentido da palavra (...). Tampouco fica fora, isto é, não faz parte do mundo repudiado, do não-eu, daquilo que o indivíduo decidiu reconhecer (sem qualquer dificuldade e sequer sofrimento) como verdadeiramente externo, que está fora do controle mágico.*

(Winnicott, 1971, p. 41)

Como ainda afirma Winnicott (1971), o espaço potencial é uma área intermediária do experienciar, que jaz entre (a) o mundo interno, a “realidade psíquica interna” e (b) a “realidade factual e externa”. Localiza-se “entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre extensões-do-eu e o não-eu” (p. 100).

A característica essencial desta área do experienciar em geral, e do objeto transicional em particular, é “o paradoxo e a aceitação do paradoxo: o bebê cria o objeto, mas o objeto estava lá, esperando para ser criado. (...) Pelas regras do jogo, sabemos todos que nunca desafiaremos o bebê a obter uma resposta para a pergunta: você criou isso ou você o encontrou?” (p. 89).

Winnicott caracteriza esta área como “um produto das experiências individuais da pessoa (bebê, criança, adolescente, adulto) no meio ambiente que se lhe impõe” (1971, p. 107).

*O espaço individual junta e separa o bebê (criança ou adulto) e a mãe (objeto). Este é o paradoxo que aceito e não tento resolver. A separação do mundo dos objetos e do self por parte do bebê só é alcançada através da ausência de um espaço entre (o bebê e a mãe), com o espaço potencial sendo preenchido da maneira que estou descrevendo (isto é, com ilusões, com o brincar e com os símbolos).*

(Winnicott, 1971, p. 108)

Ogden (1990/1995), em seu texto sobre o espaço potencial, ressalta algumas formas de patologias provocadas com sua ausência. Segundo as palavras do autor:

*O espaço potencial se origina em um espaço físico e mental (potencial) entre (relação) a mãe e o bebê, mais tarde, no curso do desenvolvimento normal, torna-se possível ao bebê,*

*à criança e ao adulto individualmente desenvolverem sua própria capacidade de gerar o espaço potencial.*

(Ogden, 1990/1995, p. 79)

Ainda segundo Ogden (1990/1995), existem formas específicas de espaço potencial que incluem: o espaço lúdico (do brincar); o espaço analítico; a área de experiência cultural; e a área da criatividade.

Winnicott declara que é dentro do espaço potencial que os símbolos se originam. Na ausência do espaço potencial há apenas fantasia; dentro do espaço potencial, a imaginação pode desenvolver-se. Na fantasia, “um cão é um cão”, enquanto a imaginação envolve uma disposição em camadas de significados simbólicos. Nestes enunciados muito sucintos, Winnicott aponta para uma teoria geral da psicopatologia da função simbólica, uma teoria da psicopatologia da simbolização pelo estudo de várias formas de estados incompletos ou colapsos da capacidade de manter um processo dialético psicológico. Dentro do contexto da unidade mãe-bebê, a pessoa que um observador veria como mãe é invisível para o bebê e existe apenas no atendimento de sua necessidade, que ele ainda não reconhece como tal. A unidade mãe-bebê pode ser rompida pela substituição, pela mãe, de algo de si própria, pelo gesto espontâneo do bebê. Winnicott refere-se a isto como “invasão” (*impingement*).

Um certo grau de fracasso de empatia é inevitável e, na realidade, essencial para que o bebê venha a reconhecer as suas necessidades como desejos. Contudo, chega-se a um ponto em que invasões repetidas vêm a constituir um “trauma cumulativo” (Khan, 1963; ver também Ogden, 1978). (...) Quando um rompimento prematuro da unidade mãe-bebê ocorre por qualquer razão, várias formas distintas de fracasso em criar ou manter adequadamente o processo dialético psicológico podem resultar disso:

*(1) A dialética da realidade e da fantasia sofre um colapso na direção da fantasia (isto é, a realidade fica subordinada à fantasia), de maneira que esta se torna uma coisa em si, tão tangível, poderosa, perigosa e gratificante quanto a realidade externa, da qual não pode ser diferenciada.*

*(2) A dialética da realidade e da fantasia pode tornar-se limitada ou sofrer um colapso na direção da realidade, quando esta é usada predominantemente como defesa contra a fantasia. Em tais circunstâncias, a realidade despoja a fantasia de sua vitalidade. A imaginação é excluída.*

*(3) A dialética de realidade e da fantasia torna-se restrita quando ambas são dissociadas de maneira a evitar um conjunto específico de significados.*

*(4) Quando a mãe e o bebê encontram dificuldades sérias e continuadas em serem mãe-bebê, a percepção prematura e traumáticas, por parte do bebê, de sua separação torna a experiência tão insuportável que são instituídas medidas defensivas extremadas que assumem a forma de uma cessação da atribuição de significado à percepção. A experiência é excluída. Não é tanto que a fantasia ou a realidade sejam negadas delas é criada.*

(Ogden, 1990/1995, p. 84-85)

Faço esses recortes teóricos de modo a facilitar a compreensão do pensamento que pretendo desenvolver daqui para frente em relação à análise do filme/livro sobre *Preciosa*, na tentativa de alinhar a prática do Projeto Travessia através dos grupos de imaginação, que nos trazem contextos e diálogos bastante próximos ao que vou transcrever sobre o filme/livro. A partir desta reflexão, vou tentando costurar teoria e prática para a compreensão dos psiquismos que nos cercam.

Não sei se todos têm a ideia sobre o que fala o livro *Preciosa*: Preciosa é uma personagem que representa várias personagens. A sua representação é composta de várias formas de sofrimento vividas por várias e não só por uma pessoa, colhidas pelos relatos de Sapphire.

Sapphire é uma poetisa e artista performática, que morou no Harlem no período de 1983 a 1993, onde se colocou como educadora social, em um programa intitulado “Cada um ensina um”, ensinando adolescentes e adultos a ler e escrever. A meu ver, fez muito mais que ensinar a ler e escrever: deu a essas pessoas dignidade, identidade e vontade de seguir vivendo.

A história de Preciosa se passa no Harlem, bairro de Manhattan, na cidade de Nova York. Este bairro é bastante conhecido por ser um grande centro cultural e comercial dos afro-americanos. Diferentemente do que se passa no Rio de Janeiro, em que as favelas estão longe de ser um grande centro comercial, caracterizando-se como lugar de exclusão social, embora nelas residam pessoas com uma cultura muito única.

O filme/livro nos chama a atenção pelo grau de sofrimento vivido pela personagem principal, seu desamparo e o “jeito” que arranhou para dar conta de um ambiente invasor e perturbador. Tentarei, através deste relato do filme, pesquisar possíveis fatores que provavelmente podem ter dificultado este processo de subjetivação.

Claireece “Preciosa” Jones é uma adolescente de 16 anos, ainda com uma enorme dificuldade de aprendizado. Não consegue ler, nem escrever. Embora tenha este desejo, ela ainda não pode reconhecê-lo por não lhe ter sido permitido “querer”, porém, acredita que alguém a ajudará a sair dessa. Neste sentido, podemos pensar que ela talvez tenha tido esta falha no seu processo de simbolização, como Winnicott (1971) descreve, a sua dificuldade de simbolizar aparece na dificuldade de não conseguir apreender. Ou seja,

ela não pode “criar” o espaço potencial, ficou aprisionada, não conseguiu ter ilusões, não conseguiu separar eu-não eu.

Possivelmente, como aparece em algumas cenas do filme, esta criança não foi acudida em suas necessidades básicas, e aqui chamo Ogden para justificar este pensamento:

*Quando a mãe e o bebê encontram dificuldades sérias e continuadas em serem mãe-bebê, a percepção prematura e traumáticas, por parte do bebê, de sua separação torna a experiência tão insuportável que são instituídas medidas defensivas extremadas que assumem a forma de uma cessação da atribuição de significado à percepção. A experiência é excluída. Não é tanto que a fantasia ou a realidade sejam negadas delas é criada.*

(Ogden, 1990/1995, p. 84-85)

De forma monossilábica, ela vai levando a vida, que é de uma dureza sem tamanho, não existe flexibilidade, quase não ri, na maioria das cenas está com uma cara fechada, fala muito pouco e, quando fala, é para reagir de forma violenta às situações das quais não consegue encontrar saídas. Mora com sua mãe em um apartamento sombrio, muito escuro, tal como é a vida que Preciosa aos poucos nos conta pelas suas narrativas com a assistente social, consigo mesma e com a professora, posteriormente. Sua mãe, dona de um mau humor preponderante, não trabalha, vive da ajuda social que a assistência oferece para Preciosa e sua filha.

Os relatos de Preciosa nos indicam sua fragilidade, sua dificuldade perante a vida, de poder ser ela, poder aprender e crescer, ser diferente daqueles que a colocaram no mundo.

Preciosa é vítima da situação de desamparo máximo. Os adultos encarregados de cuidar de Preciosa são duas pessoas muito doentes. Possivelmente seus pais tiveram vidas muito próximas da que ofereceram para Preciosa. No livro/filme não aparece como foi a vida deles. A única personagem mais velha é a avó materna, que cuida do primeiro bebê da neta e parece ser uma pessoa bastante rígida.

No final do filme, a mãe de Preciosa diz para a assistente social que a ama, e precisamos acreditar nisso. Afinal, ela, bem ou mal, tentou cuidar de sua filha da melhor maneira possível. Conta que, desde que sua filha tinha três meses de idade, quando estava transando com o pai de Preciosa, colocava-a em um travesseiro ao lado dela e sentia “quando seu homem” tocava o bebê e, aí, perguntava: “O que você está fazendo? Deixe-a”. E ele então dizia: “Faz bem para ela. Ela vai gostar”. E daí para frente ela não mais interferiu nas iniciativas do pai com a filha, que, efetivamente, começaram quando ela tinha três anos de idade.

Preciosa se viu tendo que lidar com a vida de forma muito rígida, defendendo-se das situações mais bizarras, tão insuportáveis que, para aguentar, tinha ela que criar fantasias de ser uma celebridade, cheia de fãs, com um garotão desejando-a, sempre com muita luz e cor, alegria, música, confetes, enfim, um mundo onde ela poderia ser feliz, vista e reconhecida, através de ideias deliroides. Cíndia para dar conta de uma vida esvaziada de sentidos, afetos e algo mais.

Precisamos, para nos transformar em sujeitos, de cuidados, cuidados estes que nos ajudam a dar um sentido a tudo que vivemos e percebemos. Quando Winnicott (1971) fala de um ambiente satisfatório e de uma mãe suficientemente boa, ele está falando exatamente disso, de cuidados, de *holding*, continente. De alguém que possa fundir-se com aquele novo ser para permitir aos poucos separar-se.

No caso de Preciosa, não houve, ao que tudo demonstra, um ambiente satisfatório e muito menos uma mãe suficientemente boa, teve uma mãe que rivalizou com ela. Uma mãe, talvez ainda em um registro infantil, tal o pai, que copulava com uma criança. O fato de o pai desejar sua filha fez com que a mãe se tomasse de raiva da criança, sem ser capaz de perceber e reconhecer o mal que este pai estava provocando na menina, o tamanho do trauma, do aprisionamento que estava sendo imposto a uma criança sem capacidade de discernimento.

Preciosa não teve escolhas. Foi submetida ao desejo incestuoso do pai e da própria mãe, que a usava para lhe masturbar. Uma mãe que fazia um péssimo uso da filha. A impressão que tive é que esta mãe queria se vingar da filha pela patologia que o pai carregava, culpando-a por seduzir seu homem. Nesta vingança, não permitia que Preciosa tivesse vida própria. Cito aqui um pequeno trecho do livro:

*Depois que voltei do hospital, a neném foi morar na esquina da rua 150 com a avenida Nichols com a minha avó, mas mamãe disse pra previdência que a neném mora com a gente e ela cuida dela enquanto que fico na escola. Uns três meses depois que a neném nasceu, eu ainda tinha 12 anos nesse tempo, mamãe me deu um tapa. COM FORÇA. Depois pegou uma frigideira de ferro, graças a deus não tinha gordura quente dentro, e me bateu com tanta força nas costas que eu caí no chão. Depois me chutou nas costelas. Depois disse: – Obrigada, dona Claireece Precious Jones por fuder com meu marido, sua putinha suja! – Eu achei que ia morrer, não conseguia respirar, o lugar onde eu tive o neném doía. – Sua puta gorda vagabunda! Piranha preta porca! Ele me abandonou! Ele me deixou por sua causa. O que você contou pros filho da puta na merda do hospital? Eu devia matar você! – ela ficou berrando pra mim.*

(Sapphire, 2010, p. 29)

Os adultos da família, ao que tudo indica, eram todos muito comprometidos. A avó, que, vez ou outra, aparece com “Mongo”, a primeira filha de Preciosa, vê a situação

e, por sua vez, não denuncia, não tira a menina deste ambiente. Consente, embora esteja sempre com cara de repressão para a sua filha, mãe de Preciosa.

Trago mais um diálogo do livro onde a enfermeira chefe, ainda no hospital, conta para Preciosa que a sua filha é portadora da Síndrome de Down:

*Lamento muito, Srt<sup>a</sup> Jones, lamento muitíssimo. – Tento me virar para longe daquela criatura do Mississippi, mas agora ela tá na cama puxando meu peito e meus ombros pros braços dela. Sinto o cheiro da loção dela e o bafo de tutifruiti. Sinto uma bondade quente vindo dela, que nunca senti com mamãe, e começo a chorar. Só um pouquinho a princípio, depois choro e choro, tudo dói, entre as pernas, o azul-preto no lado da minha cabeça onde mamãe me chutou, mas Manteiga não vê e fica me apertando ali. Tô chorando por causa da neném feia, depois esqueço a neném feia, tô chorando por mim que ninguém nunca me abraçou antes. Papai bota o negócio de fazer xixi fedorento na minha boca, na minha buceta, mas nunca me abraça. Eu me vejo, na primeira série, vestido rosa com negócio sujo de esperma em cima. Ninguém penteia meu cabelo. Segunda série, terceira série, quarta série, tudo parece que nem uma noite escura. Gente falando coisas que não faz sentido, bolas quicando, preencher na linha pontilhada. Forma? Cor? Quem se importa que merda roxa é um quadrado ou um círculo, se é roxo ou azul? Que diferença faz se a casinha de pão de ló tá na parte de cima ou de baixo da folha? Eu sumo do dia, largo tudo: livro, boneca, corda de pular, minha cabeça, eu. Acho que não vou levantar a cabeça de novo até o pessoal da emergência me achar no chão, e agora essa enfermeira tá me dizendo: – olhe para mim, querida, você vai superar isso. Você vai realmente superar isso. – Olho para ela, mas vejo o sapato de mamãe vindo pro lado da minha cabeça que nem uma bala, o pau de Carl balançando na minha cara e agora a neném de cara chata com os olho que nem dos coreano. Como? – pergunto a ela – como?*

(Sapphire, 2010, p. 28-29)

Embora Preciosa não tivesse o reconhecimento de sua mãe, conseguiu ter reconhecimento de algumas pessoas que tiveram contato com ela. A primeira dessas pessoas foi a Sr<sup>a</sup> Lichenstein – a diretora da escola, o Sr Wicher – professor de matemática e, posteriormente, a escola alternativa, “Cada um ensina a um”. Aqui, Preciosa consegue ser amada, compreendida e a poder confiar em alguém. Aqui ela encontra a professora, D<sup>a</sup> Rain, e suas colegas que a apoiam. Através desse curso, Preciosa pode experimentar ser um ser vivente. Pois, até aquele momento, ela se classificava como: “uma bunda preta grande que ninguém quer”.

Nesse espaço ela aprende a pensar, a se colocar, a ter respeito por ela e pelas outras meninas da classe. Aqui, ela aprende a amar e a se permitir ser amada, cuidada, amparada. Rompe com o adoecimento familiar e tenta ser diferente de tudo que viveu com sua mãe, o que não deve ter sido nada fácil.



Preciosa, quando decide experimentar o curso alternativo, rompe com a doença que lhe ronda. No “Cada um ensina um” encontra alguém que confiou nela e apostou no seu desenvolvimento. A professora foi uma cuidadora, interpelou, deu continência e permitiu que ela pudesse falar dela, de seus medos, de seus receios, enfim, ajudou-a a construir dentro daquele espaço, um “potencial” que até então era desconhecido para ela. Ali ela consegue se sentir existindo.

Através das aulas, a professora vai, além de ensinar a ler e escrever, ensinar que cada um tem um jeito, e que este jeito deve ser respeitado pelo outro. Uma menina que só sabia reagir à vida consegue aos poucos conquistar sua liberdade, brincar, descobrir um mundo muito diferente daquele a que foi apresentada pelos seus pais. A obscuridade aos poucos vai perdendo o lugar para a clareza de conhecimento sobre ela.

Para nos conhecermos é preciso nos separarmos, para nos separarmos, precisamos de uma mãe saudável, que nos permita ser sem ela. A empatia precisa enfraquecer para que consigamos romper e tornarmo-nos a nossa própria tríade. Como bem nos fala Ogden (1990/1995), em sua teoria da psicopatologia do espaço potencial, quando não conseguimos formar a tríade, não entramos no processo dialético. Não conseguimos brincar, pensar e muito menos entrar em relação.

Luís Cláudio Figueiredo (2014) nos assinala que existem possibilidades de oferecermos espaços onde pessoas possam aproveitar e obter transformações psíquicas. Consideramos que os grupos de imaginação que realizamos com crianças, adolescentes e educadores seja este espaço oferecido por nós. Isto implica em uma ação de cuidado.

Os conteúdos dos aspectos da vida emocional da Preciosa são os mesmos que encontramos nas narrativas, nos Grupos de Imaginação, tanto nos das crianças e adolescentes, como nos dos responsáveis e educadores.

Tomamos como ponto de partida a noção de desamparo, que coloca o sujeito no campo do vazio da existência humana, da dor sem sentido de pertencimento à humanidade. A experiência de não satisfação pode tomar uma dimensão individual e/ou grupal. As repercussões desses estados na estrutura psíquica é que provocam a necessidade de trabalho psíquico redobrado, pois colocam o sujeito no espaço vazio de significado.

Tentamos, através dos Grupos de Imaginação, oferecer um espaço de acolhimento, continência. Geralmente, neste espaço, introduzimos o brincar, entendido por nós como não estando no espaço repudiado pelo bebê, que constitui o não-eu, nem está inteiramente dentro de sua subjetividade e corpo. Queremos dizer, este é o espaço potencial que criamos e podemos pensar em um espaço que irá se formar entre criança, adolescente, educador e nós. Acreditamos que as crianças frequentemente precisam de um observador para observar o brincar, para que o aspecto aterrador não destrua a dimensão criadora da brincadeira. Devemos poder sustentar uma experiência criativa

do grupo, uma experiência que se desenvolve dentro de certa continuidade do espaço-tempo e que funda uma nova forma de viver como brincar.

O desamparo individual, pela ausência ou falhas precoces de experiência de satisfação, acarreta organizações psíquicas desorganizadas em diferentes níveis regressivos. O desamparo grupal, pela ausência de sustentação social que impede experiências de satisfação, de satisfação integradora, acarreta organizações intersubjetivas caóticas e em diferentes níveis de expressão regressiva, de maior ou menor proximidade. O sujeito se encontra preso à lógica do imediato, da ausência de projeto futuro, no vácuo da desesperança e do sem sentido para sua existência.

Infelizmente, não temos aqui a estrutura social que vimos no filme, e as interferências das condições de desamparo social provocam nesta população um sentimento de vazio social, de serem invisíveis para o Estado.

O Projeto Travessia desenvolve ações favoráveis à promoção, à proteção e à recuperação de saúde integral, e melhoria da qualidade de vida de populações vulneráveis através da associação com instituições socioeducativas locais. Atualmente, o projeto trabalha com 150 crianças e adolescentes (com idades de 6 a 14 anos), com seus familiares, e com a equipe de 15 educadores da instituição parceira.

As diferentes estratégias terapêuticas são realizadas, preferencialmente, em grupo. Tais grupos visam desenvolver um ambiente seguro, favorável ao envolvimento de todos em um relacionamento colaborativo, para instalar uma conversa transformadora.

A preferência pelo trabalho em grupo deve-se ao entendimento de que a contenção grupal é um fator propulsor da elaboração psíquica individual. Através de diferentes identificações e vínculos emocionais, o espaço grupal possibilita novas experiências de sociabilidade, o exercício das trocas intersubjetivas, a construção de novas narrativas, a mudança de organizações defensivas problemáticas, bem como o resgate da capacidade de sonhar e fantasiar. Ao agregarmos o termo “imaginação” aos grupos, buscamos reforçar o aspecto lúdico e criativo da proposta terapêutica, concebendo a imaginação e o brincar como uma forma de pensar constitutivos da capacidade simbólica do humano.

Termino com uma citação do Carlos Plastino, que diz:

*O sujeito é pensado como constitutivamente social, não sendo possível pensá-lo nem à margem da sociedade, nem à margem da natureza (...) se para o paradigma moderno o sujeito precede a sociedade, na concepção da teoria psicanalítica os processos de subjetivação e de socialização são indissociáveis.*

(Plastino, 2001, p. 137)

Este trabalho foi escrito por mim, mas pensado em conjunto com o grupo do Projeto Travessia: Teresa Rocha, Flávia Strauss, Sônia Verjovsky, André Luiz Vale, Marina Deschamps, Luiza Drummond e Aline Demantova.

**Potential space: The place of “the group of imagination” and its narratives**

**Abstract:** This work is supported in the activities developed by the “Crossing Project” [Projeto Travessia] (PROPIS/SBPR) in the vulnerable communities from Rio de Janeiro. Narrative fragments of the book and the film “Precious” are used to think about the experiences of extreme individual and social helplessness – that such people are submitted. As a central theme, we work with the understanding of the nature about the Winnicott’s concept of “potential space” to highlight the importance of good enough response from the object so that the subject is able to get out of the condition of helplessness. In addition, we consider how the barriers to the subjectivity are configured when the response of the object is precarious, in the individual and social context, so that we can understand them as inseparable related.

**Keywords:** potential space; helplessness; subjectivity; narrative.

**Espacio potencial: El lugar del grupo de la imaginación y sus narrativas**

**Resumen:** Este trabajo se basa en las actividades desarrolladas por “Proyecto Cruce” [Projeto Travessia] (PROPIS-SBPR) en las comunidades vulnerables de Río de Janeiro. Se usa fragmentos narrativos sacados del libro y de la película “Preciosa” para pensar acerca de las experiencias de extremo desamparo – individual y social – a que están sometidos dichos sujetos. Como tema central, se trabaja la comprensión de la naturaleza del concepto winnicottiano de “espacio potencial” para destacar la importancia de la respuesta suficiente del objeto para que el sujeto sea capaz de salir de la condición de desamparo. Además, se considera como las barreras a la subjetividad se configuran cuando la respuesta del objeto es precaria, sea en nivel individual, sea en nivel social, comprendiéndolas como indisolublemente relacionadas.

**Palabras clave:** espacio potencial; desamparo; subjetividad; narrativas.

## Referências

- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi de Zygmunt Bauman*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Benjamin, W. (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense.
- Daniels, L. (Dir.) (2009). *Precious: base on nol by Saf (based on the novel "Push" by Sapphire)* [Filme-vídeo]. [s.l.].
- Figueiredo, L. C. (2014). Cuidado e saúde: uma visão integrada. In: L. C. Figueiredo, *Cuidado, saúde e cultura: trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante* (pp.09-29). São Paulo: Escuta.
- Khan, M. M. R. (1963). The concept of cumulative trauma. *Psychoanalytic study of the child*, 18, 286-306.
- Ogden, H. T. (1978). A developmental view of identifications resulting from maternal impingements. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*, 7, 486-507.
- Ogden, H. T. (1995). Sobre o espaço potencial. In: D. W. Winnicott, *Táticas e técnicas psicanalíticas* (pp. 79-95). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1990).
- Sapphire. (2010). *Preciosa* (3ª ed.). (A. Calado, Trad.). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1996. Título original: Push).
- Winnicott, D. W. (1971). *Playing and reality*. Nova York: Basic Books.
- Plastino, C. A. (2001). *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Maria Teresa Silva Lopes  
Rua Marquês de São Vicente, 158/104 fds.  
22451-040 Rio de Janeiro/RJ  
mariateresalo18@gmail.com